

25 CIDADES



SAUDADE
Ex-alunos da turma de 1985 do colégio Marista voltam a se encontrar e celebram os 20 anos de amizade. O casal Bruno e Anna Christina foram colegas de turma e agora estão noivos.

Página 30

BRASÍLIA, DOMINGO, 13 DE NOVEMBRO DE 2005
Editora: Samanta Sallum//
samanta.sallum@correioweb.com.br
Subeditores: Ana Paixão, Roberto Fonseca,
Valéria de Velasco e Wilmar Alves
Coordenadora: Taís Braga//
tais.braga@correioweb.com.br
e-mail: cidades@correioweb.com.br
Tels. 3214-1180 • 3214-1181
fax: 3214-1185

Monique Renne/Especial para o CB

SEGURANÇA

Policiais militares pedem tudo: de bebida a material de construção, sob a alegação de “ajuda” à corporação. Ministério Público diz que a prática é crime e vai abrir processo contra autores dos pedidos e doadores

A caixinha da PM

RENATO ALVES E
FABÍOLA GÓIS

DA EQUIPE DO CORREIO

Cachaças, perus, camarões, cerveja, picolés. Policiais militares pedem (e ganham) de tudo. As doações vêm de empresários e comerciantes. A prática é tão comum na corporação que os favores são documentados. Os pedidos se dão por meio de cartas assinadas pelos oficiais. Quase sempre a resposta é positiva. O Ministério Público considera isso crime, e vai abrir processo contra

todos os PMs que fizeram pedidos e os doadores. Eles podem ser punidos com até oito anos de cadeia, caso sejam condenados.

O **Correio Braziliense** teve acesso a 71 ofícios de pedidos e agradecimentos às solicitações atendidas, emitidos entre 1999 e 2004. Todos têm timbres da Polícia Militar do Distrito Federal (PMDF) e assinatura de algum oficial superior da corporação. Apenas 38 são pedidos destinados à conservação do patrimônio público e o bom andamento do trabalho militar, como materiais de construção ou peças para car-

ros. O restante diz respeito a produtos alheios à atividade policial.

Em dezembro de 2002, partiram do gabinete do comandante do Comando de Policiamento Especializado, dois ofícios desse tipo. Ambos com a finalidade de angariar produtos para “confraternização natalina”. Um deles, enviado a uma casa especializada em cachaça, é bem específico. O major José Jackson Recio Torres pede, em nome do então comandante Celso Deolindo, seis garrafas de aguardente. E dá o nome das marcas preferidas: duas de Gabriela, duas de Germana e

duas de Seleta. Mais dois garrações de vinho tinto.

O mesmo major, numa outra carta em nome de Deolindo, pede ao gerente de uma cervejaria 25 caixas de cerveja, dois barris de chope e 80 litros de refrigerante. Também para a festa de final de ano do Comando de Policiamento Especializado, por meio de outros ofícios, ele solicita lingüiça, perus, bolinhos de bacalhau, cheddar, presunto, bacon, frangos, e peças decorativas, como lâmpadas pisca-pisca. E para a sobremesa, picolés e sorvetes.

Torres encerra todas as suas

correspondências com mensagem de bom Natal ao destinatário. Na documentação analisada pelo **Correio**, há 16 cartas emitidas pelo major José Jackson Recio Torres. Todas com a mesma finalidade. Mas ele não é o único a usar desse expediente. Autor de 25 dos 71 ofícios obtidos pelo **Correio**, o major Sebastião Davi Gouveia, quando comandante do Núcleo Bandeirante, pediu de carnes a sorvetes para festa de Natal da unidade a películas, que podem ser usadas para escurecer vidros de carros, escritórios ou residências.

Gouveia, hoje coronel, comanda o 8º Batalhão da PMDF (Ceilândia). Ele confirma os pedidos, mas alega que tomou tal atitude por causa da falta de dinheiro para a corporação. “Houve uma fase de crise, de 1999 a 2001. Não tínhamos recursos para comprar o básico, como papel. Hoje está bem melhor”, pondera. O coronel diz que se sentia “constrangido” em fazer as solicitações aos comerciantes. Diz que conseguiu reformar todo o quartel do Núcleo Bandeirante com os favores. Só não falou porque pediu comida e bebidas para festas.